

Economia-brasileira encolhe 0,42% no semestre

Brasil

Em relação ao primeiro trimestre, o Produto Interno Bruto registrou crescimento de 0,93%, revertendo a expectativa de queda no ano

Vera Saavedra Durão
do Rio

O Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro semestre registrou queda de 0,42% por causa da indústria, cuja produção encolheu 3,54% no período, em relação ao resultado do primeiro semestre do ano passado. Na comparação do segundo trimestre deste ano com o mesmo período do de 1998, o PIB caiu 0,76% e na taxa anualizada, 0,68%. Os números foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar das taxas negativas nos indicadores acumulados, a economia registrou ligeira reação no segundo trimestre, crescendo 0,93% em relação ao primeiro trimestre e surpreendendo o mercado, que já começa a rever suas estimativas pessimistas para o PIB de 1999.

Com base neste novo dado, a expectativa do IBGE para o ano é de um número próximo dos 0,05% do ano passado, segundo estimou Roberto Olinto Ramos, coordenador das contas nacionais do IBGE. Ele criticou os "irresponsáveis" que previram quedas de até 5% no ano.

Ramos explicou que a ligeira recuperação da atividade econômica no segundo trimestre foi sustentada pelo aumento da produção do petróleo, que ajudou a indústria a crescer 2,04% entre abril e junho. Neste período, a indústria de transformação "parou de cair", constatou. Este comportamento poderá se repetir no decorrer do segundo semestre se houver uma queda dos juros internos para um patamar de 15% ao ano e um aumento das exportações, cujo peso no PIB é de 7,52%.

Para Ramos, o setor agropecuário ajudará, com a boa safra agrícola, a evitar uma redução muito drástica na atividade econômica até o final do ano. O quadro atual, segundo ele, não é de recessão, pois durante todo o Plano Real a economia tem registrado altos e baixos. Mas destacou que o governo tem garantido o enfrentamento das crises pós-desvalo-

rização do real mantendo em queda a renda da população, remédio eficaz contra a alta da inflação.

Esta redução da demanda pelo encolhimento do rendimento real do trabalho, que caiu 4% entre janeiro e maio deste ano, torna o comportamento da indústria nos próximos meses uma incógnita, explica Ramos. Alguns bancos acreditam numa queda entre 2,5% e 3%, mas o IBGE prefere não arriscar previsões.

Segundo o economista, é muito difícil se fazer projeções para a produção industrial até o final do ano. "Ninguém sabe o que poderá acontecer com a economia, apesar da surpreendente elevação da atividade neste segundo trimestre. O importante é que não haja nenhuma nova Rússia no mercado internacional. O Brasil vem sendo administrado este

	PIB				
	Evolução trimestral (em %)				
	2º tri. 98	3º tri. 98	4º tri. 98	1º tri. 99	2º tri. 99
Trim./Trim. imediatamente anterior com ajuste sazonal	2,71	-0,92	-1,76	0,78	0,93
Trim./ igual trimestre do ano anterior	1,35	0,29	-2,14	-0,05	-0,76
Acumulado até trimestre/ igual período do ano anterior	1,04	0,78	0,05	-0,05	-0,42

Fonte: IBGE

ano de forma modorrenta, para não sofrer traumas caso o mercado internacional seja tomado por nova crise", destacou.

Ramos lembrou que em cinco anos de Plano Real o comporta-

mento do PIB tem oscilado de acordo com as crises internacionais. Dados divulgados pelo IBGE revelam que uma taxa anualizada entre julho de 1994, quando o real foi implantado, e

agosto de 1996, período que pode ser denominado de ano 1 do real, o PIB registrou crescimento de 7,81%.

No ano 2, de agosto de 1996 a julho de 1997, o PIB caiu 0,45% em consequência de medidas tomadas pelo governo para conter o crédito e reduzir o consumo, para evitar a explosão do déficit em conta corrente e da balança comercial por causa das importações.

No ano 3 do real (agosto de 1996 a julho 1997) o PIB cresceu 5,3%. No ano 4 (agosto/97-julho/98) o PIB registrou aumento moderado de 1,41% em decorrência da crise da Ásia e no ano 5 (agosto 98-julho/99) houve uma queda de atividade de 0,67% decorrente da crise da Rússia, que culminou com a desvalorização da moeda.

Neste momento, Ramos considera que não há base para uma retomada significativa do crescimento até dezembro. Segundo ele, isso só será possível no ano que vem. "No ano 2000 vamos crescer nem que seja por efeito estatístico, já que a base de comparação nestes dois últimos anos é muito baixa e estamos há quase três anos sem crescer", explicou. Ele não crê, no entanto, que se chegue a taxas entre 4% a 5%.

A ausência de crescimento econômico nestes dois últimos anos tem gerado significativa queda de renda da população, constata o economista. Caso o PIB deste ano cresça na mesma proporção de 1998, a renda per capita do brasileiro apresentará uma queda acumulada de 2,5% entre 1998 e 1999.